

História e Política:

Pensamentos
constitutivos
e críticos



2

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2022

História e Política:

Pensamentos
constitutivos
e críticos



2

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



História e política: pensamentos constitutivos e críticos 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História e política: pensamentos constitutivos e críticos 2 / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-952-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.520221802>

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Ao olhar ingênuo a aproximação entre história e política pode parecer tácita, uma vez que é comum dizermos “história política” de um país, por exemplo, todavia não o é. Ao longo do tempo existiram momentos de aproximação, em busca de explicações e apoio, mas também períodos de estranhamento. Alguns pensadores chegaram mesmo a referendar, a partir da História das Ideias, que o pensamento político compunha um mundo à parte, no qual os filósofos debateriam entre si, mesmo distantes no tempo e no espaço.

A distinção entre história, como disciplina e método, e histórico, como característica de processos e práticas que acontecem no tempo e no espaço, não é apenas um recurso para ressaltar extensão da articulação entre história e política. Para além da separação proposta por Weber entre singularidade e generalização, que diferencia analiticamente a causalidade histórica da sociológica, forjou-se um vocabulário que contaminou certos segmentos da ciência política como, por exemplo, tempo, conjuntura, contexto, evento e sequência.

Nos últimos tempos observamos, no Brasil, a aproximação entre História e Política têm recebido uma expressiva revitalização. Observamos, e a obra que temos em mãos é um bom exemplo, um diálogo interdisciplinar mais amplo nos trabalhos específicos da área.

A necessidade deste diálogo para a formação dos pesquisadores das duas áreas e, porque não, para o público em geral, é importante para a compreensão da realidade que nos circunda. Não podemos esquecer que toda a ação política ocorre em um espaço de experiências, construindo e interferindo nas memórias, nas formas de pensar, nas instituições que constituem as comunidades.






Como nos ensinou Hannah Arendt, a política é uma necessidade imperiosa para a vida humana e, ainda maior para a sociedade, sendo, portanto, uma das funções da política garantir a vida dos indivíduos. Como necessidade dos indivíduos, a política interfere na existência e na convivência, cabendo a história elucidar como instituições, partidos, processos eleitorais, já que a nossa democracia é representativa, foram pensados e tornados possíveis em determinadas condições de tempo e espaço.








Assim, é de suma importância que a relação dialogal entre a História e a Política sejam mantidas e aprimoradas de forma prospectiva para a melhor compreensão da sociedade sobre ela mesma, para o entendimento das transformações sócio-históricas, das formas de pensamento.


Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“EMISSÁRIOS E SEUS VERTIGINOSOS PLANOS”: A AÇÃO DE LIBERAIS REPUBLICANOS NA REVOLTA DOS MATUTOS (PERNAMBUCO – 1838)	
Manoel Nunes Cavalcanti Junior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218021	
CAPÍTULO 2	11
A ARTICULAÇÃO ENTRE CIDADE E SUBJETIVIDADE NA LITERATURA URBANA PÓS-MODERNA	
Felipe Dias Ramos Loureiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218022	
CAPÍTULO 3	25
A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA PARAHYBA DO NORTE: ESTADO, INTERVENÇÃO LEGISLATIVA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE (1928 – 1930)	
Roberto Jorge Chaves Araújo Jean Carlo de Carvalho Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218023	
CAPÍTULO 4	46
A CONCEPÇÃO DA DOCTRINA REFORMISTA DA IGREJA MEDIEVAL A PARTIR DE ARNALDO DE VILANOVA (SÉCULO XIV)	
Nabio Vanutt da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218024	
CAPÍTULO 5	56
A COOPERATIVIZAÇÃO SOB O REGIME DO KHMER VERMELHO (1973-1979)	
Jorge Arbage	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218025	
CAPÍTULO 6	67
ANÁLISES DE EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DO ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA ENTRE ESTUDANTES NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Fabiano Brito Dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218026	
CAPÍTULO 7	80
CONFISSÕES DA MADONNA: A HISTÓRIA DE UMA VÊNUS FEITA ARTE EM WILLENDORF	
Carlos Velázquez Alessandra C. Alcântara	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218027	


CAPÍTULO 8	93
DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 AO RECONHECIMENTO JURÍDICO E ACESSO CARTORIAL AO CASAMENTO GAY: CAMINHOS E DESCAMINHOS	
Paulo Sérgio da Silva Ana Paula da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218028	
CAPÍTULO 9	104
ECOS DE MEMÓRIA DE UMA ESCOLA CENTENÁRIA	
Tânia Regina da Rocha Unglaub Cleia Demétrio Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218029	
CAPÍTULO 10	117
HISTÓRIAS SOBRE JOVENS, REPRESSÃO E CONSUMO DE DROGAS NO BRASIL	
Ana Maria Cardachevski	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180210	
CAPÍTULO 11	134
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180211	
CAPÍTULO 12	147
MEMÓRIA E EFEITO DE SENTIDO DA FILIAÇÃO NAS CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS DE 1934 E 1988	
Flávia David Vieira Edvania Gomes da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180212	
CAPÍTULO 13	167
NO VÁCUO DO TEMPO PRESENTE: O PASSADO DO BRASIL ENTRE NARRATIVAS	
Arthur Henrique Lux Lobo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180213	
CAPÍTULO 14	182
O BANCO MEDICI NA ERA DE COSIMO, O VELHO, COMO INSTRUMENTO DE CONSOLIDAÇÃO DO PODER POLÍTICO-ECONÔMICO: A PERSPECTIVA DE MAQUIAVEL E GUICCIARDINI	
Bianca Coradin Benedeti	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180214	
CAPÍTULO 15	189
O TRABALHISMO VARGUISTA ENTRE AS TRINCHEIRAS DA OPOSIÇÃO (1943-1945)	
Juliana Martins Alves	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180215>

CAPÍTULO 16.....201

OS PENSAMENTOS POLÍTICOS DE MICHEL FOUCAULT E NORBERTO BOBBIO
ACERCA DA FUNÇÃO SOCIAL DOS INTELLECTUAIS

Rodrigo Davi Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180216>


CAPÍTULO 17.....212

POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO E AVALIAÇÃO: POLÍTICAS DE ESTADO OU
POLÍTICAS DE GOVERNO?

Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Silvana Maria Gabaldo Xavier

Giane Aparecida Sales da Silva Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180217>


CAPÍTULO 18.....226

RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA NA PRESERVAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE ACERVOS:
OS ACERVOS TEATRAIS ALOCADOS NA SALA ANTÔNIO MANOEL DE SOUZA
GUERRA CEDOC/UFSJ

Berilo Luigi Deiró Nosella

Fabiana Siqueira Fontana


Isabela Francisconi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180218>

CAPÍTULO 19.....234

TEKOHA: LUGAR DE MEMÓRIA E VIDA


Raul Claudio Lima Falcão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180219>

CAPÍTULO 20.....247

UMA ANÁLISE SOBRE A (NÃO) PARTICIPAÇÃO POPULAR NO PROCESSO DE
TOMBAMENTO

Priscila Angelo Tarabossi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180220>

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....259

ÍNDICE REMISSIVO.....260

CAPÍTULO 14

O BANCO MEDICI NA ERA DE COSIMO, O VELHO, COMO INSTRUMENTO DE CONSOLIDAÇÃO DO PODER POLÍTICO-ECONÔMICO: A PERSPECTIVA DE MAQUIAVEL E GUICCIARDINI

Data de aceite: 01/02/2022

Bianca Coradin Benedeti

Mestranda na Universidade Paulista Júlio de
Mesquita Filho
Franca/SP
<http://lattes.cnpq.br/7368994837919096>

RESUMO: A cidade de Florença, situada na península italiana, é uma exceção frente as diversas cidades europeias do final da Idade Média. Dentro de um território fragmentado politicamente em cidades independentes, se desenvolveu como uma república autônoma e sem domínios exteriores sob si, desde o século XIII. Todavia, o modo com o qual a cidade era de fato governada era um jogo de poder de algumas famílias ricas e influentes da cidade.¹ Dentre essas, a família Medici, passou a dominar e governar Florença desde o século XIV, a partir de um poder político-econômico proveniente da produção têxtil e principalmente do Banco Medici, fundado no século XIV. Este, um domínio que perdurou por séculos, reconstituiu e determinou seus caminhos no jogo político e econômico da Itália e em alguns aspectos da Europa. De modo que, a cidade de Florença, se tornou um dos mais importantes centros de difusão do Renascimento. O objetivo aqui é compreender o estabelecimento e o domínio do Banco Medici em conjunto com a família, na cidade de Florença.² Para tanto, utilizaremos o livro *Historia de Florença de Maquiavel* e *Historia de Florença*

de Guicciardini.

PALAVRAS-CHAVE: Cosimo; Medici; Banco; Florença.

THE BANCO MEDICI IN THE ERA OF COSIMO, THE ELDER, AS AN INSTRUMENT FOR THE CONSOLIDATION OF POLITICAL AND ECONOMIC POWER: THE PERSPECTIVE OF MACHIAVELLI AND GUICCIARDINI

ABSTRACT: The city of Florence, located on the Italian peninsula, is an exception to the various European cities of the late Middle Ages. Within a territory politically fragmented into independent cities, it has developed as an autonomous republic with no external domains under it, since the 13th century. However, the way in which the city was actually run was a power play by some of the city's wealthy and influential families. Among these, the Medici family, came to dominate and govern Florence since the 14th century, from a political-economic power arising from the textile production and mainly from the Medici Bank, founded in the 14th century. This, a domain that lasted for centuries, reconstituted and determined its paths in the political and economic game of Italy and in some aspects of Europe. So, the city of Florence became one of the most important centers of diffusion of the Renaissance. The aim here is to understand the establishment and ownership of Banco Medici together with the family in the city of Florence. For that, we will use the book *History of Florence* by Machiavelli and *History of Florence* by Guicciardini.

¹ Cf. Tenenti, 1973, pp.12-17

² Ibid. pp.48-52

KEYWORDS: Cosimo; Medici; Banco; Florença.

A Europa dos séculos XIV e XV passou por um movimento que conhecemos como Renascimento. Segundo Burckhardt, esse movimento se iniciou na Itália e posteriormente se espalhou para o mundo. O momento de renascimento do indivíduo, que retorna aos conhecimentos da antiguidade, como um guia, para resolver problemas práticos. No qual buscavam a solução de desafios³ que tinham por objetivo a expansão da cristandade e crescente necessidade de matéria prima, após o conjunto de dificuldades que se abateu sobre a Europa entre 1320-1450, como epidemias, mortalidades e necessidade de metais preciosos.⁴

A Itália era um forte centro de efervescência cultural pois era um cenário com representações muito presentes da antiguidade. O lugar onde “[...] pela primeira vez, o espírito do Estado europeu moderno manifesta-se livremente, entregue a seus próprios impulsos.” (Burckhardt, 1983, p.37).⁵

A cidade de Florença foi declarada uma República independente desde 1293.⁶ Segundo Burkhardt,

A mais elevada consciência política, a maior riqueza e modalidades de desenvolvimento humano encontram-se reunidas na história de Florença, que, nesse sentido, por certo merece o título de primeiro estado moderno do mundo. Ali, é todo um povo que se dedica aquilo que, nos Estados principescos, constitui um assunto de família. O maravilhoso espírito Florentino, dotado igualmente de um aguçado caráter racional e artístico, transforma incessantemente as condições políticas e sociais, descrevendo-as e julgando-as com igual frequência. Florença tornou-se, assim, o berço das doutrinas políticas e teóricas, dos experimentos e saltos adiante. (1983, p.98)

No decorrer do século XIV e XV a família Medici, sob a liderança de Giovanni di Bicci de Medici, começou a enriquecer e adentrar o ramo dirigente da cidade de Florença. Após a fundação seu próprio banco em 1397, datada como a fundação do Banco Medici.⁷

Sob sua administração o Banco foi moldado, iniciando e instaurando os primeiros métodos de negócios que iria utilizar⁸, resultando na primeira expansão, durante sua administração e estabelecimento de filiais em Roma, Veneza e Gênova⁹. Além disso, se tornou o banco responsável pela Cúria, ou seja, responsável pela administração do dinheiro do papado¹⁰. A igreja usava os serviços bancários em virtude do perigo de transferência de fundos pela Europa, coisa que o Banco realizava com impressionante eficiência. Cabe

3 Houve a criação e construção de diversas estradas que foram extremamente importantes para o comércio em toda a Europa. (DELUMEAU, 1984, p.151)

4 Cf. Delumeau, 1984, pp.41-74

5 Cf. Burckhardt, 1983, pp.30-39

6 Cf. Hibbert, 1993, p.23

7 Cf. Roover, 1963, pp.2-4

8 O método aqui citado é a Letra de Câmbio. Semelhante a um título de crédito moderno. (ROOVER, 1963, pp.289-297)

9 Cf. Hibbert, 1993, p.29

10 Concedido pelo papa Martinho V (HIBBERT, 1993, p.29)

ressaltar que o Banco Medici não podia cobrar juros da igreja, pelo pecado da usura, e muitos dos artigos de luxo como sedas e joias eram vendidos ao papado com valores elevados¹¹. Em contrapartida, os Medici usavam a influência que tinham na Cúria, para indicação de bispos.¹²

É importante ressaltar que esse não foi o primeiro Banco a conduzir negócios na Europa, mas foi extremamente eficiente. Como destacado por Hoover em “[...] their success was mainly due to the efficient use of existing methods and proven techniques. (ROOVER, 1963, p.6)

Sua estrutura de administração era feita a partir de uma combinação de parcerias com os gerentes das filiais. Segundo Hoover, cada filial era composta por um gerente¹³ escolhido pelo Giovanni e a partir de 1429 por Cosimo, e funcionavam de forma independente. O controle das subsidiárias, ou filiais, era feito a partir do investimento da maior parte do capital inicial, ou seja, o montante de giro inicial que era necessário para seu estabelecimento. Além disso, os Medici ainda garantiam seu direito de inspecionar e supervisionar o andamento das filiais. E cada uma delas era um *ragione*, ou seja, uma entidade legal completamente separada das outras.¹⁴ Sendo esse método organizacional de negócios a grande inovação estabelecida pelo Banco Medici.

Sob a astuta capacidade de liderança e complexa visão de negócios de Cosimo, que assumiu os negócios após o falecimento de seu pai, o Banco Medici prosperou e abriu filiais em Milão, Genebra (que em 1466 mudou-se para Lyon), Bruges, Londres e Avignon. Entre os clientes¹⁵ do banco se encontravam, príncipes, governantes, comerciantes respeitáveis e o papado¹⁶. O *catasto* de 1457, um tipo de imposto florentino baseado na fortuna, mostrou que a família Medici era mais rica que qualquer outra da cidade e pagava o mais alto imposto.¹⁷

Os Medici possuíam também estabelecimentos comerciais de seda e lã em Florença. E assim como no setor bancário, o sucesso dependia da eficiência do gerente escolhido. Uma parte dos lucros obtidos na produção têxtil era destinado ao Banco, que também eram responsáveis pela venda e distribuição dos produtos.¹⁸

Apesar de sempre ter tentado não usufruir publicamente de privilégios políticos, Cosimo chegou a ocupar três vezes o cargo de *golfalonieri* da Justiça¹⁹, foi diversas vezes

11 Cf. Hoover, 1963, pp.196-201

12 Ibid. pp.210-217

13 Segundo Hoover “[...] gerentes locais, usualmente não eram empregados, mas parceiros. Todo gerente, em vez de receber um salário, era remunerado por participar nos lucros de seu banco.” (1963, apud Hoover, Raymond, p.47)

14 Cf. Hoover, 1963, pp.81-82

15 Alguns exemplos são, Philippe de Commines, senhor d’Argenton (diplomata francês), Conde de Campo Basso, Guillaume Bische (membro do tribunal da Borgonha), Francesco Sforza (duque de Milão). (ROOVER, 1963, pp.103-105)

16 Segundo Hoover, “[...] a Igreja e os clérigos estavam entre os melhores clientes de banqueiros internacionais como os Medici e não podiam prescindir de seus serviços.” (ROOVER, 1963, p.116)

17 Cf. Hoover, 1963, pp.27-28

18 Cf. Hoover, 1963, pp. 182-190

19 Era o mais alto cargo do Estado florentino. Sendo assim, era o chefe da república por um breve período e responsável por guardar o estandarte da cidade. (RUBINSTEIN, 1969, pp.34-35)

oficial da dívida pública, foi incumbido diversas vezes de missões diplomáticas²⁰ e sob o aspecto de liberdade, governou nos bastidores, sendo que nenhuma grande decisão de Estado era tomada sem consultar o *Palazzo Medici*.²¹

Dado o cenário italiano e da Europa no Renascimento, em que o Banco Medici se desenvolveu, vale reiterar que no século XV, ainda havia profundas marcas da antiga ordem, ou seja, a nobreza medieval.²² Florença foi uma cidade que tinha no comércio seu poder e dele surgiram os Medici. Uma família sem sangue nobre que ascendeu²³ por meio do poder econômico que o Banco Medici proveu.²⁴ Tal processo de crescimento e ascensão foi registrado em diversas fontes, entre elas, os livros de Maquiavel e Guicciardini, intitulados História de Florença.

Nicolau Maquiavel (1469-1527), historiador e filósofo florentino do século XV, não integrava a nobreza e os mais ricos.²⁵ Foi funcionário público da República florentina, além de um estudioso humanista. Em contrapartida, Francesco Guicciardini (1483-1540), também um historiador do mesmo período, foi um político, e, descendia de uma família rica que era associada aos Medici, política e economicamente, há mais de duas gerações, portanto era um profundo defensor e partidário dos Medici. Vale ressaltar aqui as diferenças de classes sociais dos dois escritores, pois isso se refletiu no seu modo de concepção da história e na escrita da história florentina. Enquanto Maquiavel acreditava que a força propulsora da política era a história, Guicciardini defendia que era a experiência imediata.²⁶ Ademais, os dois livros foram encomendados pelos Medici, portanto, tinham de ser escritos para favorecê-los na história.

No livro de Guicciardini, os Medici são exaltados. Sendo assim, a história é contada por meio dos eventos políticos que ocorreram. A partir do início do estabelecimento da família no ramo dirigente da cidade, desde o enriquecimento de Giovanni di Bicci.²⁷ Ao tratar da consolidação do poderio Medici, afirma que Cosimo se estabeleceu, política e economicamente, por meio de sua habilidade e riqueza, que provinha do Banco Medici. Como é dito em,

Cosme fue una persona sumamente hábil; era más rico que cualquier otro ciudadano privado conocido en aquel tiempo; fue muy generoso, principalmente en cuanto a construcciones, que eran dignas de un rey y no de un simple ciudadano. [...] por su habilidad, sus riquezas y su esplendidez

20 Cf. Maquiavel, 1998, p.396

21 Cf. Hoover, 1963, p.75

22 "No político, esta continuidade se expressou pela sobrevivência de uma forma de governo profundamente oligárquica, e, em suas relações exteriores, de um sistema de equilíbrio que assegurava a Florença o estatuto de grande potência independente da Itália." (1969, apud Rubinstein, Nicolai, p.42)

23 Cosimo casou-se com uma nobre. (HIBBERT, 1993, p.33)

24 "Florença dominou a vida econômica do ocidente nos séculos XIV e XV com as suas três gerações de grandes companhias mercantis, testemunhas renovadas da prosperidade da cidade." (1983, apud Burckhardt, Jacob. p.219)

25 Sua família tinha poucas posses. (GARCÍA, 1990, p.17(prólogo))

26 Cf. García, 1990, p.17 (prólogo)

27 Cf. Guicciardini, 1990, p. 73-75

obteve tanta fama como tal vez ningún ciudadano privado había tenido, desde el ocaso de Roma hasta su tiempo. Y en medio de tanto esplendor, vivía en su casa como simple particular, con modestia, cuidando al mismo tiempo sus propiedades, que eran muchísimas, y sus negocios, en los cuales tuvo tanto éxito que no hubo persona que se relacionara con él como socio o administrador que no se enriqueciera (1990, p.81)

Em contrapartida, Maquiavel, em *História de Florença*, exalta os Medici, mas subjetiva as críticas pois o trabalho havia sido encomendado por eles.²⁸ É possível perceber isso ao estudar os demais trabalhos deixados por Maquiavel, em que mostra que as leis em Florença têm menos poder que os homens num regime que a liberdade foi suprimida, portanto, criticando a supressão ao poder pelos Medici.²⁹ A liberdade é uma liberdade negativa,

Cosimo era homem de grande prudência, de aparência austera e agradável, liberal e humano; nunca tentou coisa alguma contra o Partido nem contra o estado, mas dedicava-se a beneficiar a todos e, com sua liberalidade, a fazer de muitos cidadãos seus partidários. (MAQUIAVEL, 1998, p.262)

Sobre o estabelecimento da família no poder, principalmente, na era de Cosimo, por meio do poder econômico promovido pelo Banco Medici, destaca que o mesmo obteve isso, principalmente, por meios privados, que seria o uso do dinheiro, na ajuda de cidadãos, doações públicas e o beneficiamento daqueles que se relacionava e, em decorrência do primeiro, por meios públicos³⁰, ajudando a república com a indicação de amigos e partidários aos conselhos e cargos públicos.³¹ Além disso, evidencia as habilidades e a inteligência de Cosimo como primordiais para o sucesso do Banco Medici a ampliação de seu poder político-econômico.

Dos estados dos príncipes e governos civis de seu tempo, nenhum se lhe equiparou em inteligência, e foi por essa razão que ele, em meio a tanta variedade de fortuna, em cidade tão instável e com cidadãos tão volúveis, conseguiu manter o estado durante trinta e um anos. (MAQUIAVEL, 1998, p.431)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a discussão e resultados obtidos por meio das fontes e dos estudos

28 Vale ressaltar que ele era florentino e seus escritos se deram no momento de florescimento da historiografia municipal, portanto, prezava a história cívica e sua importância para o desenvolvimento da política. (RUBINSTEIN, 1969, p.41)

29 Para Maquiavel a política era um produto da atividade humana que possuía vícios e virtudes. (RUBINSTEIN, 1969, p.1)

30 Utilizou o Banco Medici para controle, como mostrado no caso da guerra de Florença contra Veneza e Nápoles no início do século XV. “Venezianos, que quando se ligaram a Afonso contra a república de Florença, Cosimo, com o crédito de que gozava, privou Nápoles e Veneza de dinheiro, de tal modo que eles foram obrigados a aceitar aquela paz que os outros quiseram conceder-lhes. Portanto, as dificuldades que Cosimo enfrentou dentro e fora da cidade tiveram fim glorioso para ele e danoso para os inimigos; por essa razão, as discórdias civis sempre lhe aumentaram o estado em Florença, enquanto as guerras externas lhe deram mais poder e reputação: assim, ao império de sua república ele somou Borgo a San Sepolcro, Montedoglio, Casentino e Val di Bagno. Desse modo, com sua virtude e fortuna eliminou todos os seus inimigos e exaltou os inimigos.” (1998, apud Maquiavel, Nicolau, p.431)

31 Cf. Maquiavel, 1998, p.422

é possível observar como o Banco Medici e o enriquecimento da família foi a base para sua ascensão, dentro de uma sociedade que ainda tinha profundas marcas da ordem e da importância do sangue nobre, chegando até o ramo dirigente da cidade de Florença por mais de quatro gerações e deste modo, se tornando uma das famílias mais ricas e importantes da Europa entre os séculos XV e XVI.

Ademais, como foi observado, essa ascensão por meio do Banco Medici se deu por uma gama de fatores essenciais. Entre eles, o estabelecimento dos Medici como banqueiros papais da Cúria romana, que proveu um capital extremamente elevado, abastecendo outras filiais do banco, além disso, permitiu um grau de influência com a Igreja que ainda era uma das bases mais poderosas da Europa. Todavia, vale ressaltar que tudo isso foi possível devido à alta capacidade de organização dos negócios, com o uso das letras de câmbio e a participação em negócios estratégicos no comércio. Deste modo, o Banco Medici pode expandir e realizar a transferência de fundos por todo o continente com uma grande eficiência, provendo uma maior seguridade dos negócios que podiam ser conduzidos entre os países, para a Igreja, comerciantes e nobres. Permitindo a família Medici que desfrutasse do poder obtido na administração de Florença, com uma grande reputação junto ao povo, casamentos estratégicos com a alta nobreza europeia e um *status* cada vez mais alto, com as gerações posteriores a Cosimo, como seu neto Lorenzo, o Magnífico, que era considerado quase um príncipe em Florença e tido em consideração, assim como seu avô, por diversos governantes.³²

REFERÊNCIAS

Fontes

GUICCIARDINI, Francesco. **Historia de Florencia: 1378 – 1509**. México, Fondo de Cultura Económica, 1990.

MAQUIAVEL, Nicolau. **História de Florença**. São Paulo: Musa Editora, 1998.

Estudos

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do renascimento**. Lisboa: Editorial Estampa, Lda, 1983.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do renascimento – I**. Lisboa: Editorial Estampa, Lda, 1984.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do renascimento – II**. Lisboa: Editorial Estampa, Lda, 1984.

HAY, Denys (org.). **La Época del Renacimiento: el amanecer de la Edad Moderna**. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1969.

HIBBERT, Christopher. **Ascensão e queda da casa dos Medici**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

32 Segundo Maquiavel, “Deixou a seus descendentes um legado que lhes permitiu equiparar-se a ele em virtú e superá-lo em fortuna, bem como obter a autoridade que Cosimo teve em Florença, mas não só nesta cidade, e sim em toda cristandade.” (1998, apud Maquiavel, Nicolau, p.434)

LAKATOS, Eva M.; Marconi, Marina A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4 ed, São Paulo: Atlas, 1993.

ROOVER, Raymond de. **The rise and decline of the Medici Bank**. Nova York: Norton & Company, INC, 1966.

ROOVER, Raymond de. **Money, Banking and Credit in Medieval Bruges**. Massachusetts: Cambridge, 1948.

ROOVER, Raymond de. **The Medici Bank Organization and Management**. The Journal of Economic History, Vol. 6, No. 1 (maio, 1946), pp. 24-52. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2112995?seq=1&cid=pdfreference#metadata_info_tab_contents> Acesso em: 18/10/2019.

ROOVER, Raymond de. **Cosimo de' Medici come banchiere e mercante**. Archivio Storico Italiano, Vol. 123, No. 4 (448) (1965), pp. 467-479. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/26252696>> Acesso em: 21/04/2020.

ROOVER, Raymond de. **I libri segreti del Banco de' Medici**. Archivio Storico Italiano, Vol. 107, No. 2 (395) (1949), pp. 236-240. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/45092773>> Acesso em: 10/04/2020.

ROOVER, Raymond de. **The Medici Bank Financial and Commercial Operations**. The Journal of Economic History, Vol. 6, No. 2 (Nov., 1946), pp. 153-172. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2113081>> Acesso em 17/03/2020.

TENENTI, Alberto. **Florença na época dos Medici**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arnaldo de Vilanova 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55

B

Brasil Império 1

C

Camboja 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64

Casamento gay 93

Cooperativização 56, 57, 62, 63, 64

Cultura escolar 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115

Cultura política 1

D

Direitos 38, 70, 74, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 121, 127, 134, 146, 148, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 199, 213, 218, 245, 247, 248, 249, 252, 257

Doutrina reformista 46, 47, 51, 54, 55

E

Educação 25, 26, 28, 29, 37, 39, 40, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 81, 91, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 132, 140, 145, 148, 151, 152, 154, 155, 157, 162, 163, 189, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 245, 247, 252, 256, 257, 259

Ensino integrado 67

Extensão 40, 60, 67, 83, 95, 98, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 124, 197, 212, 213, 222

G

Garantias fundamentais 93, 95, 102

H

História 4, 10, 19, 25, 26, 27, 30, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 53, 54, 55, 56, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 104, 107, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 118, 121, 125, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 151, 166, 167, 170, 171, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 189, 199, 200, 201, 202, 207, 210, 226, 227, 228, 231, 233, 234, 241, 242, 245, 246, 248, 249, 253, 259

História da arte 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 91

História indígena 134

Historiografia 60, 67, 68, 104, 107, 108, 115, 155, 169, 171, 172, 175, 176, 177, 180, 186, 226

Homossexuais 93, 94, 95, 97, 98, 100, 103

I

Identidade 17, 22, 71, 77, 93, 96, 99, 102, 108, 110, 111, 112, 134, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 150, 221, 236, 237, 240, 242, 243, 249

Igreja 17, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 103, 121, 183, 184, 187

Indissociabilidade entre ensino 104, 105, 107

K

Khmer vermelho 56, 57, 58, 62, 64, 65

L

Legislação 25, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 126, 131, 163, 191, 193, 195, 196, 215, 216, 250

Liberdade sexual 93, 102

M

Memória 17, 20, 42, 44, 55, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 134, 135, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 200, 222, 226, 233, 234, 238, 242, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 253, 257

P

Partido Comunista do Kampuchea 56, 57, 58, 63

Pensamento mítico 80, 84, 85

Pernambuco 1, 2, 3, 6, 7, 9, 10, 34, 39, 41, 119, 120, 133, 134, 135, 137, 140, 145

Pesquisa 26, 27, 43, 45, 47, 67, 69, 74, 75, 77, 78, 80, 86, 93, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 114, 115, 125, 130, 140, 147, 149, 164, 177, 190, 202, 204, 205, 206, 212, 222, 226, 227, 229, 232, 233, 235, 247, 248

Política 1, 6, 13, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 71, 72, 94, 110, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 131, 132, 135, 142, 145, 151, 152, 166, 169, 174, 175, 176, 179, 180, 183, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 203, 206, 207, 208, 209, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 227, 237, 238, 241, 249, 250, 251, 252, 257

Pol Pot 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Povo Pankará 134, 145

Práticas educativas 104, 107

R

Racionalismo 80, 84, 89

Regência 1, 6, 7, 212

Resistência 9, 35, 67, 68, 69, 73, 120, 122, 123, 131, 134, 135, 139, 145, 169, 191, 234, 243, 244, 251, 255, 256, 257

S

Sociedade 6, 18, 22, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 35, 36, 37, 39, 40, 51, 52, 54, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 74, 77, 82, 91, 93, 94, 95, 98, 101, 102, 106, 107, 109, 111, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 127, 128, 131, 144, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 164, 165, 173, 187, 191, 198, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 221, 222, 223, 224, 225, 230, 232, 235, 240, 244, 249, 252, 255

Super Facto Adventus Antechristi 46

U

União estável 93, 94, 95, 97, 98, 100, 101

V





Vênus de Willendorf 80, 85, 86, 87, 88

História e Política:

Pensamentos
constitutivos
e críticos



2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022

História e Política:

**Pensamentos
constitutivos
e críticos**



2

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br